

A HISTÓRIA ORAL E A ENTREVISTA

**Adriana Patrícia de Oliveira¹, Amanda Dutra Hot², Germano Moreira Campos³,
Leonard Maulaz dos Santos Moreira⁴**

¹ Aluna do 4º período do curso de História da FACIG.

² Graduada e Mestre em História pela UFOP. Professora da FACIG.

³ Graduado e Mestre em História pela UFOP. Professor e Coordenador do curso de História da FACIG.

⁴ Aluno do 4º período do curso de História da FACIG.

RESUMO

A entrevista é a principal ferramenta de trabalho da História Oral. É por meio dela que são constituídos os documentos orais, sendo eles essenciais para a produção de pesquisas voltadas para a chamada "história vista de baixo". O campo da História Oral é um dos mais recentes, dentro da historiografia contemporânea, o que faz com que desperte algumas dúvidas e incredulidades da parte dos historiadores mais tradicionais. Há ainda outros problemas que são colocados, como a invenção do depoimento, visto que esse, por mais conciso e imparcial que pareça, é fruto de uma visão individual a respeito de determinado fato. O presente artigo busca analisar a temática da produção de entrevistas para a História Oral, destacando as negociações, as dificuldades e as vantagens das fontes orais para a ciência histórica atual.

Palavras- chave: Depoimento; Entrevista; História Oral.

ABSTRACT

The interview is the main working tool of Oral History. It is through oral documents are made, they are essential for the production of research focused on the so-called "history from below". The field of oral history is one of the latest in contemporary historiography, which causes him to awaken doubts and unbelief on the part of most traditional historians. There are other problems that are placed like the invention of the deposition, since this, for more concise and impartial seems, is the result of an individual view about a certain fact. This paper analyzes the issue of production of oral history interviews highlighting the negotiations, the difficulties and the advantages of oral sources to present historical science.

Keywords: Testimony; Interview; Oral History.

1. SOBRE A PRODUÇÃO DA ENTREVISTA

Para o desenvolvimento de um bom trabalho em História Oral (H.O) e o aproveitamento dos documentos da melhor forma possível, é preciso que haja na entrevista - método de produção documental da História Oral - uma série de cuidados da parte do pesquisador, a

fim de que ela seja bem elaborada e contribua de fato para a reconstrução da história. Dessa forma, o francês Chantal de Tourtier-Bonazzi (2001) afirma que três fatores são essenciais para a produção de um documento oral digno de respeito, sendo estes "a seleção da testemunha, o lugar da entrevista e o roteiro da entrevista" (p. 232).

É necessário observar alguns detalhes muito importantes no momento

de selecionar a testemunha, preocupando-se em saber formular e apresentar as perguntas para a mesma levando em consideração sempre seu bem estar, além de sua saúde física e psíquica. O entrevistador deve ainda procurar estabelecer vínculos de confiança com seus entrevistados, da mesma forma que precisa buscar ser neutro diante dos depoimentos, mantendo-se distante dos mesmos. Além disso, manter uma boa postura, sendo paciente e atencioso ao ouvir o entrevistado garantirá um melhor aproveitamento da fonte.

Mas, para que tudo isso ocorra, é necessário, antes, o entrevistador despertar em sua testemunha confiança e segurança. É importante ressaltar que a escolha das testemunhas de acordo com o que se pretende estudar é primordial, é preciso saber a quem entrevistar, ou seja, o tipo de pessoa e a qual localidade ela pertence a fim de obter-se a informação mais precisa sobre o fato determinado. Isso implica, também, o contato entre entrevistado e entrevistador antes da realização da entrevista visando à preparação de ambos para que esta se concretize de forma satisfatória.

Observadas essas precauções, deve-se lembrar de que a realização de entrevista com um grande número de pessoas a respeito de um mesmo assunto pesquisado é interessante e necessária, a partir do momento em que o historiador pode avaliar os fatores comuns e diversos aos entrevistados, e quais as influências agiram sobre tais discrepâncias.

Alguns fatores externos influenciam no depoimento, entre eles o ambiente e as pessoas presentes no mesmo. Dessa forma, é importante pensar no lugar onde será realizada a entrevista, buscando sempre aliar a segurança ao bem estar do entrevistado a fim de que este se sinta “à vontade e confortável para dar seu depoimento” (BURKE, 1992, p. 120).

Para a realização de qualquer entrevista que se preze no campo da

História Oral, deve-se realizar uma série de consultas a fontes escritas e documentos os quais servirão de base para a elaboração das perguntas que farão parte da entrevista. Porém, as entrevistas podem ser dirigidas, semidirigidas ou não-dirigidas, segundo Tourtier-Bonazzi (2001).

A entrevista dirigida segue um roteiro já formulado antes de sua realização à risca, não permitindo muita liberdade ao entrevistado para desenvolver suas ideias. Já na semidirigida, embora se tenha um roteiro que sirva para nortear a entrevista, ela já abre espaço para que o entrevistado faça colocações próprias. Por sua vez, as entrevistas não-dirigidas não seguem nenhum roteiro; porém, nesta ocorre o risco do distanciamento do assunto tratado, o que pode se tornar um problema para o pesquisador que não dispõe de muito tempo ou que não possua uma boa capacidade seletiva (ALBERTI, 2004).

A respeito de todos esses métodos, pode-se afirmar que a modificação do roteiro da entrevista, durante a realização da mesma, pode acontecer conforme a conveniência. As entrevistas que são realizadas com um número pequeno de pessoas devem ser analisadas qualitativamente; enquanto a existência de muitos documentos orais, constituindo um *corpus*, pode ser avaliado quantitativamente. Outro fator importante na realização de um trabalho de História Oral no que diz respeito às entrevistas é a repetição das mesmas, após um determinado espaço de tempo, afinal, o que pode passar em branco numa primeira entrevista pode ganhar ênfase em uma segunda, o que contribui para o esclarecimento de alguns pontos antes obscuros na fala e na memória do entrevistado.

Quando a entrevista segue um bom rumo, as perguntas acabam se tornando desnecessárias, pois o entrevistado as vai respondendo ao contar uma série de fatos e experiências

vivenciadas pelo mesmo a respeito do período de interesse daquele que o está entrevistando. Por outro lado, é importante ressaltar algumas lembranças muito dolorosas para aquele que as guarda e essas, muitas vezes, são um empecilho para o desenvolvimento de uma boa entrevista. Nesse ponto, cabe ao entrevistador ajudar a testemunha a se livrar do peso dessas recordações a fim de que a entrevista prossiga com o entusiasmo e a anuência do entrevistado.

É importante, ainda, o conhecimento da origem da pessoa entrevistada, pois o historiador, diferentemente do arquivista, se interessa por tal enquanto que o outro se limita a fazer perguntas menos específicas, considerando que o documento oral produzido, naquele momento, será utilizado por muitas outras pessoas para o desenvolvimento de inúmeros trabalhos acadêmicos com objetivos muito distintos.

Além disso, é importante limitar o tempo da entrevista, duas horas é o suficiente, segundo Tourtier Bonazzi (2001), para que um depoimento bem elaborado seja recolhido. É bom também que se repita a entrevista, decorrido certo espaço de tempo, a fim de que o entrevistado tenha outra oportunidade de se manifestar a respeito de alguns fatos que podem não ter sido detalhados na primeira entrevista. Podendo ainda, conforme a pertinência, ser realizada outra entrevista, caso seja constatado que a primeira pareça ter sido incapaz de comportar todos os fatos relevantes considerados pelo entrevistado e pelo entrevistador.

2. A TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Os historiadores afirmam que a transcrição do documento oral é essencial para a produção historiográfica, visto que, a utilização da gravação por si só não é levada em consideração, afinal, para haver o confronto entre o documento oral e outras fontes escritas, o mesmo deve ser transcrito.

Por sua vez, os arquivistas argumentam que nada substitui a riqueza do depoimento oral, além disso, a transcrição é algo que exige muito mais tempo do que a realização da entrevista, e os arquivistas não o são em tão grande quantidade para se empenharem em tal tarefa. Apesar de tudo isso, Tourtier-Bonazzi (2001) afirma que a transcrição deve ser realizada, preferencialmente, pelo próprio entrevistador, observando-se e pontuando corretamente os períodos, de acordo com as reações da testemunha. Para tal, o transcritor pode contar com a ajuda de filólogos e outros profissionais que o auxiliarão na construção de um documento mais próximo daquilo que foi expresso em palavras pelo entrevistado.

Ainda assim, o depoimento oral gravado deve ser colocado em primeiro lugar, não devendo este ser descartado, mesmo após sua transcrição. Além disso, os transcritores são totalmente responsáveis pelo que registram no papel, sendo, dessa forma, necessário assinar suas transcrições assumindo a responsabilidade pelas mesmas.

Algumas pessoas que trabalham com a utilização de entrevistas, na produção de estudos de cunho histórico, podem colocar a entrevista no documento de diversas maneiras. Uma delas é a adaptação da entrevista pelo mesmo, segundo suas próprias palavras. Outra forma de se realizar esse trabalho é transcrever a entrevista fielmente. Porém, o mais recomendado no trabalho do historiador é que este procure conciliar o discurso da entrevista da maneira mais próxima do relatado pela testemunha, ao mesmo tempo em que este relato deve ser colocado, no documento, de preferência, seguindo-se uma ordem cronológica, no qual apareça a entrevista e a problematização desta, realizada pelo historiador a respeito do documento oral. Sendo assim, é importante que a entrevista esteja presente no trabalho de forma acessível ao leitor e fiel ao princípio da entrevista.

2.1 O ARQUIVISTA, O ENTREVISTADOR E O HISTORIADOR

As tarefas do arquivista consistem em formar, suscitar, conservar e gravar os documentos orais. Eis a definição de cada uma dessas etapas (ALBERTI, 2004, p. 58):

Formar: Consiste em trabalhar para a estruturação de novos profissionais voltados à produção e ao armazenamento dos documentos orais que devem ser realizados apenas por pessoas comprometidas com a História Oral, conscientes da importância e da seriedade de seu trabalho para a produção de estudos posteriores.

Coordenar: Está ligado à necessidade de organizar os bancos de dados de arquivos orais contribuindo e facilitando, dessa forma, o trabalho dos historiadores que recorrem constantemente a esses arquivos.

Susitar: Refere-se ao compromisso de incentivar e fazer aumentar a produção de documentos orais disponibilizados para os bancos de dados, responsáveis pelo controle e o cuidado com as fontes orais documentadas e arquivadas.

Observando-se esses três aspectos, é possível entender que o arquivista possui papel distinto do pesquisador e do historiador na produção historiográfica. Porém, ambos devem trabalhar em conjunto a fim de tornarem os documentos orais e os estudos realizados, a partir destes, acessíveis à população e, principalmente, aos profissionais comprometidos com a História Oral.

2.2 HISTÓRIA ORAL: UMA PRÁTICA RECENTE

Apesar de sua pouca idade, a História Oral tem conquistado cada vez mais seu espaço na academia e na sociedade, sendo bastante aceita e

aprovada também pelos profissionais da história que dão crédito à mesma, incentivando sua utilização na academia. Dessa forma, Ronald J. Grele (2001) afirma que “há hoje um vasto acervo de fontes orais e que a produção das mesmas tem aumentado a cada dia, o que confirma a ideia de crescimento da História Oral durante os últimos trinta anos” (p. 235).

Com relação à questão do controle dos registros já produzidos, pode-se notar que tão complicado quanto produzir a entrevista é armazenar, organizar e disponibilizar seu conteúdo para a realização de trabalhos e pesquisas acadêmicas futuras, utilizando-se da História Oral. Além disso, algo interessante é o descaso sofrido pelos documentos orais, a partir do momento em que esses não são questionados enquanto fonte documental, a respeito de sua produção, de quem realizou a entrevista e de que forma o fez.

Já por volta de 1960, a chamada “história vista de baixo” surge e ganha impulso através da Nova História, voltada para a oralidade, a fim de fazer surgir os depoimentos daquelas pessoas que eram antes marginalizadas, seja por sua condição social, sexual e outros fatores. Essa ampliação do campo da história passa a permitir uma exploração de fatos e perspectivas não consideradas até então pela historiografia.

Por outro lado, as entrevistas representam um risco se mal concebidas, podendo conter contaminações ocasionadas pelo envolvimento do entrevistador com o entrevistado, algo condenável quando se pensa na produção de um documento de caráter acadêmico.

Além do mais, é preciso ressaltar que o passado influencia o presente, da mesma forma em que o presente influencia o passado, pois a maneira como se relata um fato, após seu desenrolar ao longo do tempo, é diferente da visão momentânea a respeito do mesmo. Acima de tudo, não se pode esquecer da jovialidade da História Oral, que, embora

ainda esteja passando por algumas crises próprias da idade, tem se expandido, precisando, então, ser honrada e levada a sério por aqueles que se propõem a trabalhar com tal metodologia.

3. CONCLUSÃO

A produção da História Oral envolve diversos aspectos desde a seleção da testemunha, o ambiente de realização da entrevista e a escolha do roteiro até a conservação dos documentos orais a fim de que estes possam ser consultados posteriormente por outros profissionais com o intuito de desenvolver trabalhos utilizando, como metodologia de produção, a História Oral. Contudo, alguns outros problemas são colocados em questão pelos críticos da História Oral, como, por exemplo, as influências de produção a que podem estar sujeitos os depoimentos orais, podendo estes estar contaminados com as paixões e as visões particulares dos fatos, além de poderem ser tendenciados por algum fator, seja o mesmo externo (do ambiente) ou interno e pessoal (ligado às experiências individuais do entrevistado).

Analisando dessa forma, os prós e os contras, pode-se notar que, apesar de sua pouca idade, a História Oral tem mostrado para o que veio e, embora alguns ainda questionem sua seriedade com relação ao envolvimento do entrevistador e do entrevistado com o depoimento, podendo haver assim, a contaminação e, até mesmo, a invenção deste, a História Oral não é menos digna de crédito do que a história dos documentos escritos tradicionais, afinal, também existem documentos oficiais e escritos, há alguns bons anos, não estão isentos das visões apaixonadas de seus construtores.

O que se deve fazer, quando se trata de historiografia, é questionar sempre a fonte não importando qual seja sua procedência, a fim de se obter informações a respeito de fatos com o mínimo de envolvimento possível, visando

sempre a objetividade e a imparcialidade, requisitos essenciais para o exercício da profissão de historiador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

GRELE, Ronald J.; TOURTIER-BONAZZI, Chantal de; VOLDMAN, Danièle. Entrevistas e acervo. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (coord.). **Usos & abusos da história oral**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, (p. 231-277).

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer: Cérebro, memória e esquecimento**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.